



O caminho de formação das peregrinas: o Bildungsroman como estrutura do romance “Mulherzinhas” de Louisa May Alcott

The growth process of the pilgrims: Bildungsroman as the structure of the novel "Little Women" by Louisa May Alcott

Evelyn Mello¹

Resumo: O presente artigo pretende verificar a hipótese de que a obra “Mulherzinhas” publicada por Louisa May Alcott possa ser categorizada como um *Bildungsroman* feminino. Acompanhando a saga dessas personagens, pode-se ter acesso a perfis femininos possíveis de se encontrar à época, uma vez que a ficção foi inspirada em experiências vividas pela própria autora. Uma autêntica história das possibilidades de construção da identidade feminina em tempos de guerra, em pleno século XIX.

Palavras-chave: Bildungsroman, Feminismo, Mulherzinhas.

Abstract: This article search for to verify the hypothesis that the book "Little Women" published by Louisa May Alcott can be categorized as a female Bildungsroman. Following the saga of these characters, you can have access to the possible female profiles to find the time, since the fiction was inspired by the story of the author herself. An authentic history of building possibilities of female identity in times of war, in the nineteenth century.

Keywords: Bildungsroman, Feminism, Little Women.

1. Introdução:

A tradição do *Bildungsroman* começa com o *Wilhelm Meisters Lehrjahre* de Johann Wolfgang von Goethe, publicado na Alemanha entre 1794 e 1796. Deste modo, a terminologia *Bildungsroman* nasce de um termo alemão *Bildung*, cujo sentido indica formação, educação, cultura ou processo de civilização, e em português, *Bildungsroman* seria traduzido como “romance de aprendizagem”, “de formação”, ou “de desenvolvimento”. A tipologia deste gênero textual estaria enraizada em sua temática, uma vez que o centro do enredo é o herói em suas reações e atitudes frente aos eventos e ao mundo exterior. Apresenta-se a consequência de eventos externos sobre o herói, registrando as transformações emocionais, psicológicas e de caráter que ele sofre. Há,

¹ Doutoranda pelo programa de Estudos Literários pela UNESP – Universidade Paulista Júlio de Mesquita – Araraquara. É Mestre em Estudos Literários pelo mesmo programa e graduada em Letras – licenciatura plena em Português e Espanhol pela Universidade Federal de São Carlos.

portanto, uma ênfase no desenvolvimento interior do protagonista como resultado de sua interação com o mundo exterior. De acordo com Wilma Patrícia Maas:

"Bildungsroman": "novel of self-cultivation", "roman des enfances", romance de formação. As traduções, em sua maior parte aproximativas, procuram resguardar o sentido de uma forma narrativa considerada pela historiografia literária como um fenômeno "tipicamente alemão". No Brasil, tem a preferência o termo original, incorporado ao léxico literário brasileiro conforme Massaud Moisés, em seu Dicionário de termos literários, de 1978. A primeira manifestação do termo Bildungsroman data possivelmente de 1810, ano em que o professor de filologia clássica Karl Morgenstern emprega o termo pela primeira vez em uma conferência na Universidade de Dorpat.

A definição inaugural do Bildungsroman por Morgenstern entende sob o termo aquela forma de romance que "representa a formação do protagonista em seu início e trajetória até alcançar um determinado grau de perfectibilidade". Uma tal representação deverá promover também "a formação do leitor, de uma maneira mais ampla do que qualquer outro tipo de romance". (MAAS, 2000, p. 19)

Ter-se-ia, portanto, uma leitura formativa quanto ao processo de construção de uma atmosfera masculina, em que se acompanharia a formação de um jovem rumo ao seu aprimoramento, ao seu grau de perfectibilidade. Cristina Ferreira Pinto (1990) pontua que os estudos relativos ao *Bildungsroman* focavam apenas as personagens masculinas, pois as personagens femininas se encontravam enclausuradas em limites domésticos – sua formação se limitava ao processo da preparação ao casamento e à maternidade e, por isso mesmo, não apareciam como destaques de romances de formação, uma vez que o mundo cabia à conquistas masculinas.

A autora utiliza como exemplo em sua obra *O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros* (1990), o romance *The Mill on the Floss*, de George Eliot, em que a protagonista é uma mulher – a menina Maggie e, ainda assim, a análise feita por Jerome Hamilton Buckley sobre a obra em questão, privilegia o olhar do irmão da personagem, no caso, o co-protagonista da narrativa.

O problema da ausência da protagonista feminina na tradição do *Bildungsroman* e outras questões relativas de caráter histórico, cultural e socioliterário têm sido levantadas por diversas críticas feministas, sendo que Ellen Morgan foi a primeira a levantar a questão de que o *Bildungsroman* feminino do século XIX seria ligado à aprendizagem da preparação para a maternidade e para o casamento, sem descaracterizar o estilo pedagógico e de aprendizagem, uma vez que se repetia um modelo previsto para a mulher em sociedade. Não obstante, o final negativo dos *Bildungsroman* de mulheres, refletiria a incompatibilidade entre a personagem e o mundo à sua volta, ou melhor, uma negação do papel que a sociedade teria reservado à mulher.

Desta feita, a personagem feminina assume uma posição marginal, cuja escrita se inscreve a partir do masculino, mas o descaracteriza em sua essência, propondo linguagens palimpsestíficas, que retomam a tradição, mas a reescrevem de um ponto de vista marginal, conforme propõem as autoras Sandra Gilbert e Susan Gubar em *The Madwoman in the Attic* (1979). Em conformidade com esta análise, Cristina Ferreira Pinto salienta que “o romance escrito por mulheres frequentemente traz uma dupla posição frente às normas de comportamento e ao ideal feminino ditados pela sociedade” (Pinto, 1990, p.19).

Outra característica observada neste gênero sob um ponto de vista feminino é o fato de que o desenvolvimento da protagonista frequentemente tem início na vida adulta, como se a vida da mulher começasse no momento em que assume seu papel social de esposa ou mãe. Dessa forma, porque o desenvolvimento da personagem não se daria necessariamente de acordo com os padrões do *Bildungsroman* tradicional, Elizabeth Abel, Marianne Hirsch e Elizabeth Langland sugerem o termo mais amplo de “novels of female development” (Pinto, 1990, p.15), que incluiria tanto o crescimento físico e interior da protagonista a partir da infância, como seu crescimento interior já na idade adulta.

De acordo com a classificação de Annis Pratt (Pinto, 1990, p.15), o *Bildungsroman* retrataria o período de formação da personagem que começa na infância ou adolescência, enquanto a protagonista do “romance de renascimento e transformação” (rebirth and transformation), seria uma mulher mais velha, com mais de trinta anos ou já de meia idade, em busca de auto-realização. A personagem do “romance de renascimento” está disposta a abrir mão de um determinado sentido de “integração social”, para alcançar algo mais valioso e satisfatório – a integração do EU.

No entanto, a aceitação de que exista um *Bildungsroman* que se diferencie uma vez que seja escrito por uma mulher, implicará na afirmação de que há uma possibilidade outra de linguagem, de expressão, de visão de mundo a partir do momento em que a voz

feminina assume uma narrativa. Tal postura teórica não sustenta o fato de que todas as mulheres escrevam igualmente, ou que um homem não possa assumir um ponto de vista feminino, mas que a partir do momento em que o plano ficcional recebe a tensão derivada da disparidade de gêneros em sociedade, a escrita também reagirá de acordo com essas proporções.

Para tanto, é necessário que se leve em consideração os diversos “femininos” que se inscrevem em sociedade, todos os modos de se considerar o “ser mulher”, afinal, conforme afirma Elaine Showalter em *Feminist criticism in the wilderness* (1981), o feminino é também uma questão cultural que variará de acordo com as diversas possibilidades de construção que receba decorrentes do meio social, político, econômico e cultural de onde derive.

Partindo deste ponto de vista teórico, retoma-se o fato de que a mulher se encontrou excluída do processo de construção social, liderado integralmente por homens, sofrendo, portanto, um processo de silenciamento que se arrastou durante um longo período histórico, o qual começa a ser sutilmente questionado no século XIX e ganha fôlego a partir do século XX. Dado este fato, Cristina Ferreira Pinto observa que

O “Bildungsroman” feminino é uma forma de realizar essa dupla revisão literária e histórica, pois utiliza em gênero tradicionalmente masculino para registrar uma determinada perspectiva, normalmente não levada em consideração, da realidade. Ao nível do gênero, o “romance de aprendizagem” feminino distancia-se do modelo masculino principalmente quanto ao desfecho da narrativa. Enquanto em “Bildungsroman” masculinos – mesmo em exemplos modernos – o protagonista alcança integração social e um certo nível de coerência, o final da narrativa feminina resulta sempre ou no fracasso ou, quando muito, em um sentido de coerência pessoal que se torna possível somente com a não integração da personagem no grupo social. (1990, p.27)

O *Bildungsroman* feminino, portanto, seria um processo de revisão, não somente da escrita, mas de toda uma visão de mundo, tanto como questionamento dos parâmetros da sociedade patriarcal, como proposição de novos caminhos ideológicos, num processo franco de (re)construção social e cultural, voltado ao leitor para desvendar, denunciar e ensinar sobre o processo de inferiorização da mulher.

Dadas as características apontadas, cabe analisar de que modo as mesmas se encontram como base da obra “Mulherzinhas” de Louisa May Alcott.

2. Meninas, Mulherzinhas, Mulheres: a peregrinação feminina em Louisa May Alcott:

É de extrema relevância saber que a obra em questão, publicada em 1868, foi inspirada na vida da própria escritora que sonhava ser atriz. Alcott partiu de suas próprias experiências e da convivência com sua irmãs, ou seja, da história de sua própria família, para dar vida às personagens de “Mulherzinhas”, um livro intimista, com aspectos realistas, que narra a história da família March, composta pela senhora March, as quatro irmãs Margareth, Josephine, Elizabeth e Amy. A família também conta com o senhor March como membro, o pai das meninas, ausente por estar servindo como soldado na guerra de secessão.

A figura central para o processo de formação das meninas é a mãe que, por meio de sua voz, traz as importantes lições e tradições da época, as quais as meninas deveriam seguir para se formarem como mulheres de êxito. Entretanto, apesar de trazer importantes elementos da tradição, como a educação com base em preceitos bíblicos, esta aprendizagem foge ao estereótipo do período, cuja formação se voltava para a conquista de um bom casamento, ou seja, o ideal burguês. Pode-se dizer que as lições de mamãe March são direcionadas à formação de um sujeito ético, que não mira a felicidade necessariamente no dinheiro, tampouco foca a figura masculina como norma padrão para que a mulher pudesse ser considerada um indivíduo, mas estabelece que cada uma das meninas deve buscar por seus sonhos, sem ferir sua integridade ou individualizar-se demasiadamente, lembrando-as sempre de voltar seu olhar ao próximo e suas possíveis necessidades.

O foco dado à formação humanista em “Mulherzinhas” faz lembrar a apreciação que Lukács realiza sobre as ideias humanistas presentes em “Os anos de Aprendizagem de Wilhelm Meisters”, constante no posfácio da obra citada, o qual se pode conferir abaixo:

A realização dos ideais humanistas neste romance comprova reiteradamente a necessidade de, “na medida em que se trate de algo puramente humano, rejeitar nascimento e classe social em sua completa nulidade, e na verdade, como é razoável, sem gastar sequer uma palavra sobre isso! (Schiller). A exposição e a crítica às diversas classes e aos tipos que as representavam procedem

sempre, em *Os anos de aprendizado*, desse ponto de vista central. Por isso, a crítica à burguesia não é aqui apenas crítica a uma pequenez e estreiteza especificamente alemãs, mas também e ao mesmo tempo, uma crítica à divisão capitalista do trabalho, à excessiva especialização do ser humano, ao aniquilamento do homem por essa divisão do trabalho. (LUKÁCS, 2006, p. 584)

Em “Mulherzinhas” ocorre fenômeno semelhante ao que descreve Lukács com relação aos “Anos de Aprendizagem de Wilhelm Meisters”, posto que há uma crítica ao aniquilamento do indivíduo em detrimento dos papéis que o sistema capitalista dita, mas, neste caso, foca-se no aniquilamento da figura feminina, ou melhor, na reação necessária para que este aniquilamento não ocorra. Os planos da sra. March para suas meninas, portanto, subvertem as normas a fim de não permitir que sejam engolidas pelo sistema. Suas lições maternas não seguiam as regras sociais para a formação das mulheres da época, como se pode conferir no trecho abaixo:

-Mamãe, você tem “planos”, como disse a sra. Moffat? – perguntou Meg, timidamente.

-Tenho, meu bem, muitos. Toda mãe tem, mas acho que os meus são diferentes dos da sra. Moffat. Vou lhes contar alguns deles, pois chegou a hora de dizer uma palavrinha para colocar essas cabecinhas românticas de vocês no lugar.(...)

-Quero que minhas filhas sejam bonitas, boas e felizes. Que sejam admiradas, amadas e respeitadas; que tenham uma infância feliz, que se casem bem, e que levem vidas úteis e prazerosas, com o mínimo de preocupação que Deus quiser lhes dar. Ser amada e escolhida por um bom homem é a melhor coisa que pode acontecer a uma mulher. E sinceramente espero que minhas meninas tenham essa bela experiência. É natural pensar nisso, Meg, é certo esperar e se preparar para isso. Assim, quando o feliz momento chegar, você se sentirá pronta para a tarefa e digna da alegria. Minhas queridas, tenho ambições para vocês, mas não quero que se rebaixem para realizá-las: casar com homens ricos porque são ricos, ou ter casas deslumbrantes, que não são lares, porque carecem de amor. O dinheiro é uma coisa necessária e preciosa, e quando bem

usado, uma coisa nobre, mas nunca vou querer que pensem que é o primeiro e único prêmio pelo qual devem lutar. Prefiro vê-las casadas com homens pobres, se forem felizes, amadas e satisfeitas, a vê-las como rainhas em tronos, sem amor-próprio e sem paz. (ALCOTT, 1998, p. 125).

Outro exemplo desse processo de aprendizagem voltado a ideias humanitárias é a cena em que mamãe March convida suas filhas a doar sua escassa ceia de Natal a uma família necessitada e, após a realização da caridade, as meninas conquistam a simpatia de seu velho vizinho, o ranzinza e rico Sr. Laurence, que as adota e lhes presenteia com uma ceia de Natal ainda maior do que aquela que haviam doado pela manhã. É nesse ínterim que as meninas, em especial, Jo, farão amizade com o jovem Laurence, neto do senhor, e poderão comprovar que o dinheiro nem sempre é sinônimo de felicidade, uma vez que sua humilde casa tem um calor humano muito superior ao da mansão vizinha.

O enredo do romance evolui de acordo com as lições aprendidas pelas personagens, assim, organiza-se em uma relação de causa e consequência, em que as boas ações são premiadas e as más ações não escapam de consequências, sendo que o produto final será a lapidação das personagens rumo ao processo de amadurecimento, à vida adulta. Sendo assim, é importante destacar que a história se desenrola em uma esfera hegemonicamente feminina e cobre o período de um ano da vida das personagens, as quais estão no limite entre a infância e a adolescência, tendo início na época de Natal.

A casa da família é e o espaço primordial em que as aventuras destas meninas-mulheres se passa, sem, entretanto, ser a única possibilidade para seu desenvolvimento, tampouco sendo unânime o processo de formação das personagens. Cada uma das meninas possui uma personalidade específica e se desenvolve de acordo com seus anseios, cada uma com seu fardo particular. O livro se organiza a partir da apresentação das personagens e, em seguida, reserva um capítulo para cada uma delas, sendo narradas a batalha de cada uma com seu inimigo íntimo. É mamãe March quem resume o caráter da peregrinação de cada uma:

-Era uma vez quatro meninas, que tinham bastante para comer, para beber e vestir. Alguns confortos e prazeres, amigos e pais gentis, que as amavam muito, e mesmo assim elas não eram felizes. (...)Essas meninas queriam muito ser boas, e tomaram algumas

decisões excelentes, mas de algum modo não conseguiam cumprilas, e o tempo todo diziam: “Se tivéssemos isso” ou “se pudéssemos fazer aquilo”, esquecendo o quanto já tinham e quantas coisas agradáveis elas realmente podiam fazer. Perguntaram então a uma velha senhora que fórmula podiam usar para ficarem felizes, e ela disse: “Quando se sentirem descontentes, pensem na sorte que têm e sintam-se gratas.”(...) Sendo meninas sensíveis, decidiram tentar seguir o conselho, e logo ficaram surpresas ao ver o quanto eram felizardas. Uma descobriu que o dinheiro não podia livrar as pessoas ricas da vergonha e do pesar. Outra viu que, apesar de ser pobre, era bem mais feliz com seu próprio espírito jovem e saudável do que certa senhora inválida e rabugenta, que não sabia gozar de seus confortos. Uma terceira aprendeu que, por mais desagradável que fosse ajudar a fazer o jantar, mais difícil ainda era ter de esmolar por ele. E a quarta, que os anéis de cornalina são menos valiosos que o bom comportamento. Por isso concordaram em parar de se queixar para gozarem das dádivas que já possuíam, e tentarem merecê-las, para que não se perdessem totalmente em vez de aumentar. E acredito que elas nunca se decepcionaram nem se arrependeram por aceitarem o conselho da velha senhora. (ALCOTT, 1998, p. 60-61)

Destarte, tem-se como centro da narrativa a peregrinação das adolescentes rumo a um processo de perfectibilidade da construção da individualidade, em que cada uma delas deverá aprender a ser mulher de acordo com sua personalidade. A saber, Margareth, bonita e vaidosa, sofre por ser pobre e não vislumbrar a possibilidade de um casamento; Elizabeth é a mais introspectiva e frágil, lutando contra sua timidez, sonha com um piano em meio aos gatos e bonecas; Amy é a mais vaidosa e fútil, sonha em ser pintora e ter um nariz bonito; é a figura de Josephine, autrego da escritora, que vem a destoar mais dos perfis de mulheres possíveis de se encontrar à época, pois seu sonho é não ser uma “mulherzinha”. De apelido Jo, esta menina sonha ser uma famosa escritora, faz questão de driblar o comportamento imposto à mulher da época e assume o lugar do pai, protegendo as irmãs, como se pode conferir no trecho abaixo:

-Realmente, meninas, as duas merecem uma bronca – disse Meg, começando a falar com seu jeito de irmã mais velha. –Você já está bastante grande para largar esses modos de moleque e comportar-se melhor, Josephine. Não havia problema quando você era pequena, mas agora está tão alta... E prenda seu cabelo, lembre-se de que é uma mocinha.

-Não sou! E, se prender o cabelo me torna uma mocinha, vou usar maria-chiquinha até completar vinte anos – gritou Jo, desfazendo sua trança e balançando sua juba castanha. – Odeio pensar que tenho de crescer e ser a srta. March, e usar vestidos longos e parecer tão empertigada quanto um eucalipto. Já é bastante ruim ser uma menina quando se gosta das brincadeiras dos garotos, do trabalho e das maneiras deles. Não consigo esconder minha decepção por não ser um menino, e é pior do que nunca agora, pois morro de vontade de ir lutar com papai, e só posso ficar em casa tricotando como uma velhota – e Jo sacudiu a meia militar até que as agulhas tilintassem como castanholas, e seu novelo de lã azul saltitou pela sala.

-Pobre Jo, eu sinto muito! Mas não há remédio, e você tem de se contentar em abreviar seu nome e brincar de que é nosso irmão(...).
(ALCOTT, 1998, p. 10)

Como se pode perceber no trecho supracitado, as vozes das personagens são imprescindíveis para a compreensão de seu processo de formação; como se fosse um teatro escuta-se e observa-se os quadros que se formam em cada cena, pois o romance de Alcott é extremamente oral, ou melhor, polifônico, e a descrição cuja verossimilhança se expressa no detalhe com que são descritos os pormenores da casa e das brincadeiras das meninas, torna o romance plástico, uma vez que é possível observar as ações das garotas.

Sendo assim, através da história dessas quatro irmãs, é possível entrever tanto o processo de formação das mulheres na América do século XIX, como é válido ressaltar o caráter subversivo do papel feminino traçado por Alcott, uma vez que no contraste entre a tradição e a educação oferecida pela sra. March, desenham-se outras possibilidades de caminhos a serem trilhados pelas mulheres do período narrado, criticando abertamente as superficialidades de uma sociedade mundana e egoísta.

3. Conclusão:

A partir das aventuras das meninas é possível perceber que o Bildungsroman adquire nuances diferentes de sua origem como gênero, pois, aqui, narra-se a história de formação de “mulherzinhas” em busca de sua afirmação, de sua autonomia, em um período em que essa busca não era algo típico da condição feminina. Outro fator de suma importância que diferencia o modo como se desenvolve este gênero narrativo nos limites do romance é o fato de que a classe social, cujo ponto de vista guia a narrativa, não se trata da burguesia, mas de meninas simples e pobres, sem que este fator impeça que se desenvolvam plenamente e sejam felizes. Igualmente, deve-se ressaltar que a história dá relevo à importância de que a mulher extrapole os limites da casa, uma vez que a realidade descrita no dia-a-dia das personagens não se limita às paredes domésticas, assim, pode-se afirmar que

It seems as if Alcott is exploring the different options open to American middle class girls in the late nineteenth century in her detailed exposition of these protagonists struggles to find a balance between what they personally want, what society wants from them and their own internalisation of the codes of their society to a greater or lesser degree. Alcott may appear to return her heroines to traditional roles, but her realism and her consideration of women working outside a home from which the father as breadwinner is conspicuously absent keeps her novel topical. (NOOME, 2004, p. 143)

De acordo com a afirmação de Noome, é possível perceber que a trajetória das personagens transcende os muros da casa, posto que as duas personagens mais velhas trabalham para poder se manter, tratam-se de jovens autônomas que não se limitaram a simplesmente contemplar os fatos no momento em que seu pai perde a propriedade ao tentar ajudar um amigo com problemas. Margareth trabalha como babá e Josephine como acompanhante da velha tia March.

Assim como as mais velhas, a menina Amy também passa parte de seu tempo fora dos limites de seu teto, pois frequenta à escola. Deste modo, as meninas não se limitam a reproduzir o estereótipo feminino de “mulheres voltadas ao lar”. Contudo, é a Beth que resta esse papel. Frágil demais, tímida em demasia, é a única personagem que não

possui função alguma fora de casa e, não coincidentemente, é a única a que o final “falhado” do Bildungsroman feminino pode ser aplicado, uma vez que a saga das meninas tem continuidade em uma segunda obra “Good Wives” e, ao passo que Margareth constitui sua tão sonhada família, Jo constitui seu espaço tornando-se escritora e casando-se e Amy conquista o coração do jovem Laurence, Beth morre em decorrência de uma enfermidade adquirida ao sair para socorrer uma família carente.

Parece que a atmosfera criada por Alcott privilegiou a autonomia da mulher, cuja força e independência são as válvulas motrizes para sua sobrevivência em sociedade. Beth não conseguiria sobreviver nessas circunstâncias. As demais meninas, que se transformam em mulheres, provam que é possível perseguir caminhos distintos, ainda que todas elas terminem se casando, mesmo a indomável Josephine, o matrimônio não é um impeditivo para que sigam os caminhos por elas escolhidos. Tampouco se tratam de uniões “mésalliances”, uma vez que não são contratos pautados por razões econômicas.

A saga destas mulheres vem a contestar os destinos tradicionais da sociedade capitalista, dando destaque à liberdade de construção individual feminina e à importância da manutenção de valores morais em uma sociedade frívola.

Bibliografia:

ALCOTT, L.M. *Mulherzinhas*. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

GILBERT, S; GUBART, S. *Madwoman in the Attic*. Disponível em: <https://archive.org/details/TheMadwomanInTheAttic>. Data de acesso: 20 de Novembro de 2014

GOETHE, J.W. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. São Paulo: Editora 34, 2006.

MAAS, P. W. *O Cânone Mínimo: o bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NOOME, I. *Shaping the self: A Bildungsroman for girls?* Disponível em: <http://www.literator.org.za/index.php/literator/article/viewFile/267/240>. Data de acesso: 25 de Novembro de 2014.

PINTO, C.F. *O Bildungsroman Feminino: quatro exemplos brasileiros*. São Paulo: Perspectivas, 1990.

SHOWALTER, E. *Feminist Criticism in the Wilderness*. Disponível em: http://l-adam-mekler.com/showalter_fem_crit_wilderness.pdf . Data de acesso: 20 de Novembro de 2014.